

O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos



Redactor principal: J. CARLOS RATES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 r/o

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

Estado proletariano UMA POLEMICA

MUITAS PALAVRAS E BOAS INTENÇÕES

Eis o que ficou de tudo o que disse Campos Lima

O que é o Estado? Uma força saída da sociedade, mas superior a ela, uma força destinada a ela, uma força destinada a amortecer o choque entre duas classes de interesses absolutamente opostos.

O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes.

Segundo Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe; é a criação duma ordem de coisas que legaliza e consolida a servidão duma classe. Vamos ver se nos explicamos melhor:

A classe dominante é a classe capitalista — a Burguezia.

Os seus órgãos de dominação — a policia, o exercito permanente, os juizes, as prisões, etc., etc. — constituem o Estado burguez.

O que pretende o proletariado, a classe oprimida e explorada?

O desaparecimento de classes, a igualdade economica absoluta, a liberdade completa, a abolição do Estado, enfim.

Pois bem, o unico caminho para lá chegar é a supressão do Estado burguez e o estabelecimento da Ditadura do Proletariado, a fundação do Estado Proletariano.

Bem se podem esfaifar os politicos burguezes em gritar que os trabalhadores, tendo direito a voto nas eleições, podem fazer a sua emancipação pelos meios que lhe faculta a lei, elegendo deputados socialistas. A palavras loucas, orelhas moucas.

Mesmo que por um inverosimil acaso os trabalhadores conseguissem eleger um parlamento seu, não ficava de fora o exercito permanente, a mais poderosa e contundente força do Estado burguez?

E a amarga experiencia diz-nos que o exercito permanente é em toda a parte profundamente reaccionario e não põe duvidas em desfazer pela força as leis que não forem do seu agrado.

A emancipação dos trabalhadores só pode ser obra directa dos mesmos trabalhadores.

Só o esmagamento da burguezia como classe, pelo povo explorado em armas e a posse dos instrumentos de trabalho e de dominação, podem garantir a obra revolucionaria que levará ao comunismo livre. Aqueles que querem fazer passar o Estado por um órgão de conciliação de classes, enganam conscientemente o povo trabalhador, amarrando-o ao respeito pela lei.

Não ha, porém, conciliação possível entre duas classes de interesses absolutamente opostos.

O choque tem de dar-se; basta para isso que o povo trabalhador e explorado ganhe consciencia da sua força e da sua superioridade numerica, e perca a superioridade do respeito à lei.

E o seu primeiro acto revolucionario tem de ser a posse dos instrumentos de dominação da burguezia, o esmagamento do Estado como Estado burguez, o estabelecimento do Estado proletariano.

Estado proletariano, insistimos.

Ninguém acredita que dum dia para o outro se extinga a burguezia como classe; ninguém cre que o esmagamento da burguezia seja simultaneo em todos os países. Disto ha já a prova.

A Revolução Russa tem seis anos; pois, tirando tentativas frustradas ou pouco duradouras, na Hungria, na Finlândia, na Baviera e na Italia, o proletariado dos outros países ainda não conseguiu sequer amagar fortemente as respectivas burguezias.

Mas mesmo que se conseguisse fazer desaparecer a burguezia como classe dum dia para o outro, o que se não conseguiria desfazer, seria a ideologia burguesa.

Orá, subsistindo as classes, tem

O dr. Campos Lima dá por terminada a controversia que vinha mantendo connosco, pelo fustidioso que deve ser para os leitores acompanhá-la.

Efectivamente, de tudo que disse Campos Lima ficaram as suas boas intenções, a sua sinceridade, nada mais. Quanto a ideias concretas e precisas, Campos Lima apresenta-se-nos vazio como uma cabaga.

No meu primeiro artigo eu perguntei-lhe quais as suas soluções para os problemas financeiro, administrativo, agrario, etc. Respondeste tu, leitor? Assim respondeu ele. Indicou-me Dufour, Eu vasculhei Dufour e encontrei aranhas. E Campos Lima diz-nos agora que nada tem com Dufour.

Depois veio-me com a experiencia libertaria das comunas primitivas e da Idade Media, escudado em Kropotkin.

Efectivamente, Kropotkin em A conquista do pão, pagina 36, diz:

Desde que as comunas dos seculos X, XI e XII conseguiram emancipar-se do senhor leigo ou religioso desenvolveram imediatamente com grande extensão o trabalho e o consumo commum.

Está errado. E' ir longo de mais. Toda a gente que conheça a historia universal sabe que o movimento das comunas da Idade Media é genuinamente burguez.

Pretendia-se fazer reviver as tradições e liberdades municipais do antigo imperio romano. Nas cidades italianas os burguezes aliavam-se com o Papa contra os bispos senhores das cidades; nas cidades francesas os burguezes aliavam-se com o rei Luis o Gordo.

Interessante, sem duvida, este movimento das comunas da Idade Media como tentativa de emancipação do feudalismo e ensaio democratico.

E assim como as republicas da Grécia e de Roma, com os escravos e senhores, nada tem de democraticas no sentido moderno da palavra, assim tambem as comunas da Idade Media, nada tem de comunistas no sentido actual da doutrina.

Lá se na carta comunal da cidade de Aire (Artois) o seguinte artigo:

que subsistir o Estado, com esta differença, que a classe dominante deve ser o proletariado em armas.

O operariado apodera-se do poder e começa por converter os meios de produção, pratica o seu ultimo acto independente como força superior à Sociedade.

Desde esse momento o Estado torna-se o representante real da Sociedade; desde esse momento o Estado começa a morrer como Estado.

O Estado não pode ser abolido dum dia para o outro, porque se não pode dum dia para o outro abolir as classes.

O Estado morre lentamente. Mas só pode começar a morrer depois de ser Estado proletariano, depois da Revolução que ponha nas mãos dos trabalhadores os meios de produção e de dominio.

O nivelamento economico, a transformação da ideologia burguesa pelo ensino, fazem desaparecer as classes e automaticamente desaparecerá o Estado.

E quando enfim a Liberdade for um facto á superficie da Terra, o Estado terá deixado de existir por desnecessario.

A. Miranda

Os que pertencem á amizade da cidade prometeram e confirmaram, pela fé e pelo juramento, que prestariam assuas auxilia a sua nos outros em tudo que fosse util e digno. No caso de ardar a casa a alguém, ou de alguém, caindo em cativo, ter de pagar pelo proprio resgate a melhor porção dos seus haveres, cada um dos amigos dará um escudo e um socorro ao amigo caído em penuria.

Vê se que se trata do gente que tinha casa e haveres. O homem que laborava nas oficinas e nos campos ou armazens não tinha nem casa sua nem escudos para dar. O pacto de aliança não se refere a esta sub-gente.

Quanto ás comunas primitivas, santo Deus! Em referencia ao poder discricionario do chefe da tribu a lei escrita é evidentemente um progresso.

Campos Lima e os seus anarquistas doentios querem pelos modos dar-nos por modelo de organização libertaria a Pappusia, a Polinesia, ou a Africa Central, naqueles estados adiantados de civilização que se deparou a Cook e La Perouse, a Stanley e Levintstone.

Robinson Crusoe, na ilha Juan Fernandes, eis a sociedade libertaria.

Vê se que Campos Lima conhece os autores e os mestres pelos titulos e sub-titulos das obras sem aprofundar o conteúdo e a doutrina.

Depois de me ter citado Dufour sem o conhecer, apresenta-me agora Proudhon. Isto para corrigir um erro historico meu, attribuindo ao autor das Contradições economicas a paternidade de invenção das sociedades comunistas livres.

Proudhon é, na verdade, o primeiro que qualifica do anarquismo a sua doutrina, ao passo que Marx, e ainda bem, nunca se apellidou de anarquista. Mas quem ver o anarquismo de Proudhon? Ei-lo:

Para que uma nação se manifeste na sua unidade, é necessario que esta nação esteja centralizada na sua religião, na sua justiça, na sua força militar, na sua agricultura, na sua industria, no seu commercio e nas suas finanças, centralizada em uma palavra em todas as suas funções e facultades, e que a centralização se effectue de baixo para cima, da circumferencia para o centro, que todas as funções sejam independentes e autonomas.

A unidade operaria

Sejam quais forem as questões de tática e de doutrina que nos separam, por muito accesa que vá a discussão dos principios que dividem a massa operaria, o proletariado pode e tem o dever de conservar-se unido e de batalhar em conjunto dos esforços pelos seguintes objectivos:

1. Luta contra a reacção fascista;
2. Luta contra a carestia da vida;
3. Luta pela questão do inquilinato;
4. Luta pelo maior salario;
5. Luta pela manutenção das 8 horas.

Nenhuma tendencia operaria deve ser excluida desta aliança.

Agrupa em seguida por ordem hierarquizada estas administrações diferentes: teres o conselho de ministros e o poder executivo. Colecei acima de tudo isto um grande jurado legislatura ou assembleia nacional nomeada directamente pela totalidade do país e encarregada não de nomear os ministros mas de verificar as contas, de fazer leis, de fixar o orçamento, etc., depois de ter ouvido os conselheiros do ministerio publico ou ministerio do interior, ao qual de futuro se reduzirá todo o poder, e teres a centralização tanto mais poderosa quanto mais multiplicares os lares, uma responsabilidade tanto mais real quanto mais perfeita for a separação entre os poderes.

De resto, ha lá possibilidade de conciliar os anarquistas, desde Stirner e Tucker a Reclus e Kropotkin. Agora mesmo Jean Grave chama pseudo-anarquista a Sebastian Faure.

O que querem os anarquistas? Sabe-se lá! Se eles não se entendem uns aos outros como poderemos nós entendê-los?

Pobre Campos Lima! Ainda o teo-remos de ver nas Berlengas, com um penacho de penas de papagaio, a tentar as suas experiencias de socialismo libertario.

J. Carlos Rates

Ditadura e democracia

Alguns bachareis que infleiram na coligação das esquerdas tem sido entrevistados pelos jornaes burguezes e quando lhes perguntam pelos ditadores respondem invariavelmente: — Não os vemos, não acreditamos que alguém queira assumir essa tão tremenda responsabilidade.

Estas creaturas o menos que são é parvas. Se não acreditam na existencia do perigo da ditadura para que se coligam contra elle?

Cada grupo politico, dentro da coligação, trabalha por conta propria, pretendendo tirar as sardinhas do brazier sem se queimar. Palermas! A quem julgam eles que comem? Imbecis, que não sabem calar os despoites e as ambições!

Mas não admira que os bachareis falem assim. Alguns operarios não acreditam no perigo da ditadura porque João Franco, Pimenta de Castro e Sidonio Paes ou calram varados a bala ou pela revolução.

E todavia as ditaduras de João Franco e de Sidonio Paes duraram um ano cada.

Mas ver a questão assim é vê-la superficialmente. Aquellas ditaduras tiveram todo o caracter de ditaduras perversas e não é esse o caso de hoje.

O que ha que ver é a crise da democracia e do parlamentarismo e as suas consequências. Na Italia e Alemanha as ditaduras existentes são caracterisadamente de classe. E' a defesa d'entrances dos privilegios da burguezia contra o proletariado.

Que o parlamentarismo está em crise prova-o o facto dos chefes dos governos francezes e portuguezes reclamarem poderes especiais, fóra das normas parlamentares e sobrepondo-se á soberania do Parlamento, para enfrentarem a situação.

O que está na forja, e que triunfará inevitavelmente, porque não ha uma coligação operaria seria, é uma ditadura de classe, uma ditadura de defesa dos interesses burguezes.

Podem os imbecis bachareis clamar que não existe perigo. Não vêmo-lo distintamente e os factos o confirmam.

Poderes publicos e poderes politicos

A origem da traição social-democrata remonta ao momento em que os partidos social-democratas substituíram nos seus programas a conquista dos poderes publicos, a conquista dos órgãos do Estado burguez — parlamentos e municipalidades — á conquista do poder politico.

Para construir a sociedade comunista é indispensavel que o proletariado se torne senhor dos órgãos de força, o dono do poder politico, o que lhe permitirá por uma vez repeller e jugular os ataques da classe adversa e construir a sociedade nova.

O erro capital dos anarquistas é julgar que basta destruir o Estado burguez para que a sociedade comunista surja por si propria. A violencia não tem sómente um valor destrutivo mas tambem constructivo; é tão indispensavel para edificar como para demolir.

Mas o erro anarquista não é nada ao lado daquele que consiste em pensar que basta instalar-se nos órgãos do Estado burguez para os fazer funcionar ao serviço do proletariado e da Revolução. E' o grande titulo de gloria de Karl Marx, primeiro, e de Lênine, depois, terem-se apescebido, o primeiro com a experiencia da Comuna de Paris, o segundo com a experiencia dos Soviets logo no seu inicio, que um Estado não pode ser um Estado proletariano, um instrumento da Revolução proletariana, se não com a condição de possuir uma estrutura completamente diferente da do Estado burguez.

Um Estado é o produto duma classe. O proletariado que é a inversa da classe burguesa não pode possuir um Estado que não seja a inversa do Estado burguez.

A dominação da burguezia é fundada na astucia; a classe burguesa creou portanto um sistema baseado na buria. Buria, a soberania do povo, esta soberania que não consiste senão em fazer publicamente o abandono da sua soberania em face do voto; buria, a fiscalização parlamentar, esta fiscalização que consiste em nada saber e não poder estar em condições de verificar o que fazem aqueles que se tem o encargo de fiscalizar; buria, a separação dos poderes, que ninguém sabe explicar como se acha realizada.

O Estado burguez tem por papel privar o maior numero da sua soberania; o Estado proletariano tem por fim impedir que o maior numero seja privado desta soberania. Não se pode atingir este resultado com os órgãos e os metodos criados para alcançar um resultado oposto.

Um Estado proletariano não pode estabelecer-se senão pela destituição total do Estado burguez; o Estado proletariano terá forçosamente uma estrutura contraria á do Estado burguez. Toda a propaganda que deixe acreditar que o Parlamento pode subsistir, embora com o caracter operario, que um tal Parlamento pode ser o instrumento da Revolução, é uma propaganda social-democrata, é uma propaganda claramente contra-revolucionaria.

A destruição do parlamentarismo, a instituição dum Estado onde todo o poder seja directamente exercido por órgãos operarios, tal é o fulcro da propaganda insosfismavelmente revolucionaria.

R. Louzon

N. Lênine

Os comunistas e os camponeses

Pedidos a Mario Correia da Silva, rua do Conde das Antas, 54.

A carestia da vida e o salario real

Yuse para a Conferencia Regional de Lisboa
 Redactor: — J. Carlos Bates

Não vamos apresentar aqui as causas multiplas e complexas que determinam a falta de preço das coisas.

O fenomeno da alta tem origens e causas internacionais, umas vezes, simplesmente nacionais, outras.

As soluções adequadas a reparar as crises occupam a acção operaria e até mesmo, em certos aspectos, a acção administrativa dos governos.

Em Portugal, para commercialmente deficitario, as fidejussões do paralisado, tornam a fixação dos preços uma influencia decisiva e fundamental.

Toda a legislação e providencias concernentes a este aspecto do problema estão fora da acção e finalização operarias.

O papel da classe operaria deve resumir-se pela a estabelecer o paralisado entre salarios e custo dos produtos, ou, melhor ainda, a esforçar-se porque o nivel dos salarios ultrapasse o nivel dos preços.

Desde que o nivel dos salarios egual ou ultrapasse o nivel dos preços não ha carestia de vida.

O salario vale sempre não pela sua expressão numerica mas pelo seu poder de aquisição. Se o operario A adquirir com o seu salario de hoje os mesmos ou mais artigos que adquiria ha 10 anos não ha para ele carestia de vida por maior que seja a expressão numerica dos preços actuais.

O que é preciso é que esta situação se verifique.

Reclamar aumento de salario de mais uns tantos escudos não traz para o operariado vantagens seguras e seguras. Dentro de pouco tempo o terreno conquistado está de novo perdido por um novo aumento de preço.

O que convem é tornar o salario variavel, fixá-lo em função do preço das mercadorias, por meio duma revisão dos preços que devora ser feita em prazos certos, de três em três meses, o maximo.

Qual a base que deve servir à fixação do salario real minimo?

Em nossa opinião deve ser o consumo normal dum casal composto de duas pessoas de familia.

E deste modo e em referencia aos preços de 15 de Fevereiro teriamos o seguinte orçamento:

Pão, 10 quilos a 2450	24500
10 " " 1480	14800
Assucar, 3 quilos a 6200	18600
Café, 1,5 quilos a 6200	9300
Arroz, 2 quilos a 6200	12400
Feijão, 2 litros a 2400	4800
Grão, 1 litro	2400
Bacalhão, 2 quilos a 7200	14400
Batatas, 10 quilos a 1400	14000
Carne, 2 quilos a 10400	20800
Chouriço, 1 kilo	20800
Funchão, 1 kilo	10400
Manteiga, 1/2 kilo	11500
Manteiga, 1 kilo	23000
Sabão, 2 quilos a 6200	12400
Cerveja, 45 quilos a 260	11700
Petroleo, 5 litros a 2400	12000
Total	237700

Nesta soma de 237700 escudos estão incluídas apenas os generos e os combustiveis que não devem atingir mais de 60% do salario operario mensal. Os outros 44% do salario destinam-se à renda de casa, vestuario e diversões.

Tratemos, pois, de obter a cifra dos 48% do salario por uma simples operação:

62 : 237700 :: 48 : 218300

O que dá para salario real minimo por mes 455300.

Contando 25 dias uteis em cada mes o salario real minimo por dia será de 18200.

Trata-se, acentuamo-lo bem, de salario real minimo e não de salario uniforme.

Essa base em que devem assentar as reclamações e do salario.

Em conformidade, a Conferencia Regional de Lisboa do Partido Comunista exprime o desejo de que todas as suas Comunas aderentes e os nuclei sindicais de Lisboa defendam e propaguem a reclamação de salario nas seguintes condições:

1.º — Deve existir a fixação do salario real minimo em função do preço das mercadorias;

2.º — Deve o salario real minimo basear-se nos encargos normais e regulares duma familia composta de duas pessoas;

3.º — Deve fazer-se a revisão dos preços de três em três meses, o maximo, e actualizar-se os salarios em conformidade com os preços.

Contra a carestia da vida

O Partido Comunista dá o seu decidido e caloroso apoio ao movimento iniciado de pois juntas de frequência de Lisboa, contra a carestia da vida.

Como os comunistas filiados não deixam de tomar a parte mais activa em todas as manifestações que se promovam no sentido do protesto contra a alta do preço dos generos.

Um partido operario que não defende os interesses do consumidor é um partido que não tem razão de existir.

ESTADÍSTICA E DOCTRINA SINDICALISMO, ANARQUISMO E COMUNISMO

A sua independencia em face das escolas socialistas é a melhor garantia de vida e de progresso do sindicalismo

Nós temos ouvido a muitos camaradas lamentarem-se das lutas travadas entre os anarquistas e os comunistas. Seria conveniente, dizem eles, que todos se unissem para derrubar o capitalismo.

E' pretender o impossivel. Todas as escolas socialistas tendem a estabelecer a sua hegemonia sobre as outras. A que não luta por esta hegemonia suicida-se. Por consequencia, a luta não se contra o capitalismo mas contra as outras escolas socialistas e uma condicção de vida do Partido Comunista. E com as outras escolas sucede outro tanto.

Não ha a menor possibilidade de nos entendermos para derrubar o capitalismo porque a queda do capitalismo impõe inevitavelmente a necessidade dum novo sistema social. Ora este novo sistema social não é para os anarquistas o mesmo que é para os comunistas.

Nós não somos anti-sindicalistas, mas somos, sem a menor sombra de duvida, anti-anarquistas.

E porque a organização operaria não é hoje um organismo independente, mas simplesmente uma sucursal dos grupos e grupelhos anarquistas, não é culpa nossa que os nossos tiros atinjam a organização operaria.

O sindicalismo, organização de classes, não deve confundir-se com o anarquismo, uma corrente politica e ideologica, como tantas outras.

O anarquismo, impotente como organização e acção, faz esforços desesperados por confundir-se com o sindicalismo. E desde que ele, o sindicalismo, consente nessa confusão terá de sofrer-lhe as consequências apañando por tabela. Analisemos:

No cartilão *Principios do Sindicalismo Revolucionario*, lê-se no n.º 1 do Estatuto da A. I. T.:

O sindicalismo revolucionario baseando-se na luta de classes, visa à unificação de todos os trabalhadores manuais e intellectuaes que, nas suas organizações economicas de combate, lutam para acudir a jogo do salario e da opressão do Estado. O seu fim consiste na reorganização da vida social sob a base do comunismo livre, pela acção revolucionaria da propria classe operaria. Considera que apenas as organizações economicas do proletariado tem capacidade para realizar este fim; por consequencia a sua qualidade de produtores e creadores das riquezas sociais os operarios collocam-se em opposição a todos os partidos politicos operarios atuais, por considerá-los incapazes de procederem à reorganização economica.

Vamos agora desfiar este novelo de contradições.

Como é que o sindicalismo revolucionario, visando à unificação de todos os trabalhadores manuais e intellectuaes pôde collocar-se em opposição a todos os partidos politicos operarios atuais?

São duas idéias que se não conciliam. Onde ha opposição não ha unificação. Pretender que a organização operaria seja oposta ha diversas escolas politicas operarias é excluir da organização operaria os adeptos dessas escolas, é negar a possibilidade da unificação de todos os trabalhadores manuais e intellectuaes. Por isso o sindicalismo não pode ser contra as diversas escolas socialistas mas independente delas.

Mas é precisamente esta independencia do sindicalismo que não convem aos anarquistas. E porque lhes não convem a independencia do sindicalismo, eles affirmam, como se lá acima, que o seu fim é o comunismo livre. E' o farrejo anarquista.

E' impossivel imaginar-se um tipo que, como o anarquista, mais préguas a liberdade e menos a respeito. Demascear esta hipocrisia dos anarquistas é um dos melhores servicos a prestar à organização operaria.

Um dos aspectos mais curiosos da hipocrisia anarquista é a negação que eles fazem de que não constituem um partido politico. Um partido politico não é forçosamente eleitoral e parlamentarista. Todo o agrupamento humano de afinidade ideologica é ingenuamente um partido politico. E já lêmos até em Malatesta: — Nós somos um partido politico de características diferentes dos outros partidos. Malatesta é dos que se não envergonham de dizer: *O meu partido politico*, o que se pode ver em muitos dos seus escritos.

O sindicalismo baseia-se na luta de classes. Isto é afirmado também pelos anarquistas. E' uma afirmação inconsonante na sua boca, como sucede tantas vezes. Em verdade, isto quer dizer que a classe operaria, sem exclusão das escolas, arrastada pelo seu antagonismo de interesses contra os da classe capitalista luta contra esta.

Foi sobre esta base, exclusivamente material, que o sindicalismo construiu os seus alicerces, agora minados pelos anarquistas.

Realmente apoiando-se o sindicalismo na luta de classes, exclusivamente, élo

agrega todos os operarios, todos, e torna-se involuntavel aos ataques e ás criticas de qualquer escola socialista, porque não se contradiz e todas elas encontram no sindicalismo um solido ponto de apoio e um excelente terreno para a difusão dos seus principios.

Não sucede assim actualmente com as organizações aderentes à A. I. T. que é um organismo de tendencia anarquista bem demarcada.

Ora os organismos de tendencia não tem que extranhar que as tendencias opostas lhe movam a guerra. E' a fatalidade da luta pela hegemonia de cada escola que a isso obriga.

Que os anarquistas se esforcem dentro dos sindicatos e suas federações por fazer triunfar os seus pontos de vista e conquistar as massas ha suas ideas, é absolutamente legitimo, pois também nós, os comunistas, pretendemos a mesma coisa.

O que não está bem, o que é criminoso, o que é lesivo aos interesses do operariado, é tirar o caracter de independencia ao sindicalismo. O anarquismo para dominar e defender-se porfia em confundir-se com o sindicalismo. O resultado é que o sindicalismo, que devia ser estranho ha pugnas das diversas escolas socialistas, vê-se envolvido nestas lutas, desapercebado-se, dofinhando-se, desprestigiando-se. E quem sofre com isto é a classe operaria que todos, anarquistas ou comunistas, pretendem defender.

Quando os comunistas — o que não está longe — constituírem as minorias dominantes na organização operaria, não deverão, por principio nenhum, converter a organização operaria numa dependencia do Partido Comunista. O que sucede actualmente aos anarquistas, que vom morrer-lhes nas mãos os sindicatos, suceder-nos-ha amanhã a nós, se quisermos confundir o sindicalismo com o Partido Comunista, se quisermos ferir, redunzir ou apagar a independencia do sindicalismo.

Proclamemos bem alto este principio: — Os comunistas são sindicalistas mas o sindicalismo não é um exclusivo dos comunistas como o não é de qualquer outra setta ideologica.

O sindicalismo é de todos os operarios.

Adolfo de Moraes

A sociedade capitalista

A sociedade capitalista está fundada sobre a exploração da classe operaria. Um punhado de homens possui tudo; a maioria dos operarios nada possui. Os capitalistas mandam; os operarios obedecem. Os capitalistas exploram; os operarios são explorados. A sociedade capitalista consiste essencialmente nesta exploração impiedosa e sempre crescente.

A produção capitalista é uma bomba em acção destinada a aspirar a mais valia. Mas como é que essa bomba pôde durar um certo tempo? Como é que os operarios sofrem um semelhante estado de cousas? E' difficil responder immediatamente a estas perguntas. Mas, em suma, ha duas razões desse facto:

1.º A organização e o poder estão nas mãos dos capitalistas; 2.º a burguesia domina, na quasi totalidade, os cerebros dos trabalhadores.

O moio mais seguro para a burguesia é-lhe oferecido pela organização do Estado. Em todos os países capitalistas, o Estado nada mais é do que uma coalizão de empreiteiros. Tomemos qualqur dos países: a Inglaterra ou os Estados-Unidos, a França ou o Japão. Ministros, altos funcionarios, deputados, são sempre os mesmos, sempre capitalistas, proprietarios, banqueiros, fabricantes ou seus feis servidores, bom pagos, advogados, directores de emprezas, profissores, generaes e padres.

A associação de todos estes homens que pertencem à burguesia, que abraça o país inteiro, e o tem nas suas garras, chama-se Estado. Esta organização da burguesia tem um duplo fim: o principal é o de reprimir as desordens e os levantamentos dos operarios, de extrair mais facilmente a mais valia da classe operaria e assegurar o modo capitalista da produção; o segundo fim é lutar contra outras organizações semelhantes, isto é, contra outros Estados burguezes, conseguir vencê-los, para depois repartir entre si a mais valia roubada.

Assim, o Estado é uma associação de empreiteiros que garante a exploração. São exclusivamente os interesses do capital que guiam a atividade desta associação de desordeiros.

N. Boukharine

Harmonia

O Comité dos Revolucionarios Sociais dim em A Batalha de 20 do corrente:

«O Comité entendeu-se já com varios organismos, tendo ficado com a convicção de que haverá uma completa coordenação e unidade na resistencia e pôr os maneios dos conserradores. Espera que a acção do mesmo Comité virá assim a generalizar-se a todo o país, abrangendo todos os revolucionarios sociais.»

Ainda bem que se conseguiu o que tanta gente julgava impossivel. O P. C. fará todo o possivel, sem abdicar dos seus direitos de critica e de proselitismo, para manter o pasto que vem de formar-se.

Para solemnizar o acto, cobrem-na-nos importante, a mesma Batalha de 20, em editorial, mimos-nos com este cartuzinho de atencão:

«Não ha manifestações subversivas, não ha conspirações revolucionarias, feitas a sombra da ameaça da ditadura: ha um povo que está farto de atrair politicos videlicinhos, comerciantes gananciosos, financeiros criminosos, lavradores ambiciosos, ha um povo que sabe que só os sindicalistas e anarquistas, que não prometiem o bocalhao a pataco, mas um organização social directamente gerida pelo povo, não o atiraçoam, não se ligam aos moaqueiros e estão dispostos a lutar desinteressadamente pela extincção de todas as iniquidades.»

86 os anarquistas e sindicalistas... O P. C. é nivelado com os partidos burguezes e composto tambem de videlicinhos ligados à moagem.

Na verdade, é difficil ser-se mais amavel e acolhedor...

O papel das Comunas

Questão agraria

Folheto com 32 paginas de maxime oportuno.

A sair na proxima semana

Valerio, Lopes & Ferreira, Lim.ª
 FERRAGENS E FERRAMENTAS
 Metais, entalarias, talhados, jogos completa de parafusos, fundas para caldeiras, guarnições para movela

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para serrador, serras circulares e do fita, etc.

Telo | fone, 2000, H. GRANJA, FERRAGENS
 84, R. do Amparo, 86 — LISBOA

Sapataria Lusitania
 — DE —
Candoso & Oliveira

Calçado p. homem, senhora e criança

Encarrega-se de todos oestrahellos por medidas

Empregam-se as melhores materias primas, nacionais e estrangeiras

20, R. Palais de S. Bento, 20 — LISBOA

"A GONÇALENSE"
 Cooperativa de Produção e Consumo
 Especialidade em fabrico de cestos e mobílias de vèrga em todos os generos

Esta cooperativa encarrega-se de pequenas e grandes encomendas

Beira Baixa **GONÇALO**

Sociedade Lusitana de Alimentação, L.ª
 Telef. 4110

Especialidade em champagnes, Moeres e vinhos do Porto

63, 65, Rua 20 de Abril, 69, 71 LISBOA

OS MISERAVEIS
 A obra monumental de Victor Hugo, edição illustrada, a tomos de 260

A PECADORA DA GALILEIA por René Emery

Pedidos à **Livraria Renascença**
 Joaquim Carriço, Lda.
 Rua dos Palcos de S. Bento, 27 LISBOA

Vida partidaria

Comuna Espartaco. — Reunião a assembleia geral para nomeação dos seus corpos administrativos os quais ficaram assim constituídos:

Secretario geral, Mario Correia da Silva; Secretario adjunto, Carlos Marques Teodoro; Manuel Assumpção Correia; Comissario de Propaganda, J. Carlos Bates, P. Bastos e Antonio da Silva Fidalgo.

Foi lavrado na acta um voto de sentimento pela morte de Lenin.

Ficou mais resolvido que a comissão administrativa reuna todos as terças-feiras na Rua Conde das Azenhas, 51-53, para onde se devem dirigir todos os comarades.

GALAMBA & RAMOS

SAPATARIA
 Rua Fernandes da Fonseca, 10
 (Em frente da Caixa de Teatro Apelo)

Explendido Calçado PARA homem e senhora

A COMERCIAL

CHAPELARIA E SAPATARIA DE Antonio d'Oliveira

13, R. do Rato, 21

69, R. Palais de S. Bento, 63

Grande sortimento de chapues e calçado

Preços resumidos

TRABALHO ARTISTICOS EM TODOS OS GENEROS

LITOGRAFIA CRISTIANO DE CARVALHO

R DA ALEGRIA, 132 -- PORTO